

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Urbanização, escolarização e variação linguística em Feira de Santana-Bahia (século XX)

Urbanization, schooling, and linguistic variation in Feira de Santana-Bahia (20th century)

Norma Lucia F. de Almeida¹

RESUMO: De modo geral, os países de colonização portuguesa, em seus processos de formação, tiveram como característica, entre outras, a tardia implantação de sistemas educacionais e urbanísticos. Em Carneiro e Almeida (2006), foram apresentados dados sobre a criação de escolas no período imperial e as implicações linguísticas advindas dessa tardia implantação. Dentro desta perspectiva e procurando dar continuidade ao que já foi pesquisado, o objetivo deste trabalho é apresentar alguns elementos sobre o processo de constituição da língua portuguesa falada na Bahia, mais especificamente sobre aspectos que possam ter contribuído para o processo de constituição e standardização do português no semiárido baiano durante as primeiras décadas do século XX, tendo como fontes de pesquisa materiais diversos, entre eles documentos oficiais e pessoais. Dois temas serão mais discutidos neste estudo, a saber: o processo acelerado de urbanização ocorrido nas primeiras décadas do século XX e a “democratização” da escola, também ocorrida de forma mais acentuada no decorrer do referido século e suas possíveis implicações linguísticas. Serão analisados, principalmente, documentos e dados referentes à região de Feira de Santana, município localizado às “portas de entrada do sertão”. Os dados sócio-históricos serão relacionados a um aspecto linguístico, qual seja a colocação pronominal.

Palavras-chave: Variação linguística; urbanização; escolarização, sistema pronominal.

ABSTRACT: Generally speaking, Portuguese colonized countries had as one of their characteristics in its formation process the later implantation of educational and urban systems. In Carneiro and Almeida (2006), data were presented about the creation of schools in imperial time and the linguistic implications from this late foundation. Inside this perspective and aiming to give continuation to previous research, this article aims to present some aspects of Portuguese language spoken in Bahia’s formation, more specifically about those that may have contributed to the establishment and standardization processes of Portuguese in Bahia’s semi-arid during the earlier decades of 20th century. The research material comes from diverse sources, such as personal and official documents. Two themes are going to be deeply debated in this research, namely: the accelerated urbanization process which occurred in early decades of 20th century and the “democratization” of schools that also occurred more steeply in the above-mentioned century and its possible linguistic implications. Documents and data referring to Feira de Santana area have been analyzed. The socio-historical data was related to a linguistic aspect, namely, the placement of pronouns.

Keywords: Language variation; urbanization; schooling; pronouns

¹ Professora Titular de Linguística da Universidade Estadual de Feira de Santana. Docente do Mestrado em Estudos Linguísticos da UEFS. E-mail: norma@uefs.br.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

1 Introdução

De modo geral, os países de colonização portuguesa, em seus processos de formação, tiveram como marca, entre outras, a tardia implantação de sistemas educacionais e urbanísticos. Em Carneiro e Almeida (2006), foram apresentados dados sobre a criação de escolas no período imperial e as implicações linguísticas advindas dessa tardia implantação. Em outro texto de Almeida e Carneiro (2008), características sócio-histórico-demográficas do sertão baiano foram discutidas, bem como possíveis influências destas para a formação da variedade linguística local. Dentro desta perspectiva e procurando dar continuidade ao que já foi pesquisado, o objetivo deste trabalho é apresentar alguns elementos sobre o processo de constituição da língua portuguesa falada na Bahia, notadamente na microrregião de Feira de Santana, mais especificamente sobre aspectos que possam ter contribuído para o processo de formação da variedade linguística feirense ao longo do século XX. As fontes da pesquisa histórica foram diversas, entre elas documentos oficiais (censos), jornais, cartas pessoais, monografias, dissertações, etc. Para a análise linguística utilizamos como *corpus* cartas pessoais.

Dois temas serão mais discutidos neste estudo, a saber: o processo acelerado de urbanização ocorrido nas primeiras décadas do século XX, principalmente por conta dos movimentos migratórios internos, e a “tentativa de democratização” da escola, também ocorrida de forma mais acelerada a partir da década de 30 do século XX. No que diz respeito ao processo de urbanização, dois fatos serão mais relevantes na formação da variedade linguística feirense: a migração de pessoas de outros estados do Nordeste, à época chamados de “nortistas”, e a grande migração interna campo/cidade. Neste sentido, tentaremos relacionar o desaparecimento do pronome pessoal “tu” nas cartas produzidas na década de 60 e o reaparecimento e/ou continuidade do uso, até os dias atuais, na oralidade, à influência desses dialetos nortistas e, em menor escala, aos dialetos rurais baianos. O desaparecimento

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

nos textos escritos pode ser visto, em algum grau, como uma reação a esse grupo, que era visto como "incivilizado". A manutenção e/ou reaparecimento na oralidade pode ser creditada a uma disseminação de uma variante que se manteve na “boca” de alguns (dos "incivilizados") e voltou na “boca” de muitos, ou seja, era presente na fala dos “nortistas” e descendentes e retornou tanto nas variedades populares quanto nas variedades cultas, como atestado nos trabalhos de Assunção (2007) e Santana (2007). Outro aspecto foi importante para esta discussão, ou seja, a relação com o fator interno perda de concordância, mas este não será alvo de análise aprofundada neste trabalho. Dessa forma, procuraremos seguir a linha proposta por alguns pesquisadores, entre eles Ramos (1998, p. 80) que diz:

torna-se relevante recompor o caminho de cada variante no contexto sócio-histórico, de modo a identificar em que momento e em que lugar geográfico e social a variante ocorreu, o que equivale a responder à seguinte questão: com que gramática se deu o contato, quando, onde, como?

Apesar de não ter a pretensão de responder essas questões colocadas por Ramos, esperamos que os dados sócio-históricos que serão mostrados possam lançar “luzes” no que diz respeito a um melhor entendimento da variante utilizada no município, variante essa que apresenta algumas características peculiares ao se comparar com o dialeto da capital, quais sejam: uso muito intenso da forma “tu” e seus pronomes relacionados (teu, te, ti, entre outros). Para melhor entendermos essa proposta, faz-se necessário apresentar alguns elementos sobre a história de Feira de Santana.

2 Um pouco da história de Feira de Santana

Em Almeida e Carneiro (2008), mostramos que a constituição sócio-histórico-demográfica ocorreu de forma bastante diferenciada nas diferentes regiões da Bahia. Enquanto no Recôncavo houve uma grande leva de escravos africanos, na zona de agropecuária, na qual está situada Feira de Santana, esse contingente não foi tão grande, e quando havia escravos eram, em sua maioria, brasileiros. Ainda em Almeida e Carneiro (2008), mostramos que o número de escravos africanos que foram para os sertões baianos não

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

propiciaria, como em outras áreas da Bahia, a exemplo do Recôncavo, a formação de uma língua crioula ou de uma transmissão linguística irregular mais drástica. Havia e sempre houve na região muitos contatos dialetais; no início entre portugueses de diferentes localidades, paulistas, crioulos, descendentes de índios etc e hoje, entre dialetos nordestinos e, em menor escala, com outros dialetos.

O passado agropecuário da microrregião aqui trabalhada remonta ao século XVII, com a implantação de fazendas na região de São José das Itapororocas. Há notícias de que o português João Peixoto Veigas, em fins do século XVII, dizia que estava estabelecido na região há alguns anos. Segundo Galvão (1982, p. 25), a concessão dessas terras a João Peixoto Veigas data de 1619, sendo que se instalaram currais e seus descendentes dominariam parte da área da casa da Ponte com latifúndios. Além disso, os frades capuchos fundaram povoações mais ou menos no mesmo período, o que pode ser atestado em documentação do Arquivo Ultramarino.

As origens da sede do município de Feira de Santana remontam ao século XVIII e a um passado eminentemente rural, caracterizando-se por ser um lugar de pouso para viajantes, vaqueiros e suas boiadas, que vinham de toda a microrregião e até de outros estados. Segundo Silva (1989), entre as últimas décadas do século XIX e o início do século XX, a região de Feira de Santana era muito procurada porque estava em ascensão econômica, apesar das secas. A cidade já se encontrava interligada a outras regiões do estado por estradas carroçáveis. Em 1876, foi inaugurada a ligação ferroviária entre Feira e Cachoeira, ficando muito mais fácil a comunicação entre o Sertão e o Recôncavo, incluindo a capital.

Um dos grandes impulsionadores do crescimento de urbe foi a sua feira, que deu origem à própria cidade. Essa feira vai ganhando importância e torna-se conhecida em todo o nordeste brasileiro. Nesse ambiente, pessoas de todas as origens se encontravam. Em 1914, o jesuíta J.S. Tavares², ao relatar sua viagem à Bahia, faz a seguinte descrição da feira do município:

² Encontramos essa citação no texto de Barros e Almeida (2001).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

É dia de feira. O comboio rebocado por duas máquinas sobre a custo as ladeiras empinadas por sobre despenhadeiros horrendos, desde o leito do Paraguassú, em S. Félix, a 16 metros acima do nível do mar, até a altitude de 220 metros na Estação da Serra, donde vai correndo por um extenso taboleiro [...] Lá em baixo, no valle do Paraguassú, ondeia um extenso véo de branca neblina [...]. Gente a cavalo, acompanhada dos pagens e muito gado atulham todas as estradas, em direção à feira, por entre o ciclo matinal da viração embalsada. [...] Eis-nos em frente a elegantinha cidade da Feira de Santanna, orgulhosa da sua casaria branca e suas ruas rectilíneas e largas, onde se notam movimentos e borburinhos desusados. [...] muitas milhares de pessoas, com todas as gradações de côr, desde o branco mais alvo até o tabaréu de tês requeimada e ao negro retinto.

A partir da década de 1960, o município começa a crescer por conta de uma rápida expansão industrial, e, especificamente, a cidade passa a receber pessoas da zona rural do município e de diversas regiões do estado. Concomitantemente ao recebimento da população agrícola de outras regiões do estado, que trazem seus filhos para estudar ou vêm em busca de emprego, encontra-se um grande número de migrantes de diversos estados do nordeste (geralmente oriundos de cidades do interior), que fogem da seca, principalmente de Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Sergipe.

Na década de 40 e 50, esse fato era, inclusive, tema de debates nos jornais. Veja-se o trecho abaixo, extraído de um dos jornais da cidade, no qual um jornalista escreve a um poeta da cidade:

Meu caro Aloísio
[...] a população sofreu uma extraordinária mudança. Há nortistas e nortistas com todos os sotaques e todas as peixeiras. Este é o alvorecer da segunda metade do século na província com o pernesticismo da capital. (Jornal Folha do Norte de 13/01/1951, número 2166, p. 1. Museu Casa do Sertão/Centro de Estudos Feirenses. MCS/CENEF

Os chamados "nortistas" não eram bem vistos por parte da população pertencente às classes alta e média. Vejamos texto do articulista Hugo Navarro e trecho de uma carta escrita por uma das nossas informantes ao seu marido.

Aqui agora tem é ladrão. Um estado do Norte, penso que Pernambuco, mandou um pau-de-arara com quarenta. Saltaram vinte aqui e vinte em Cachoeira, é a notícia que corre, só se ouve falar em roubo [...] (1953).³

³ Carta de Maura de Oliveira Borges (1924-2005) para Divaldo Pitanga Borges (1922), escrita em 24/05/1953, folha 4. Arquivo de Maura Moraes Oliveira.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Assim, fica evidente que essas pessoas eram discriminadas nos espaços públicos frequentados pela elite e classe média local, o que pode ter levado a uma marcação da identidade linguística feirense, a exemplo de deixar de usar o “tu”, já que essa marca identificava e, de certa forma, em menor escala, identifica, ainda, alguns nordestinos.

Aliada a essa questão da migração nordestina, há também, como já mencionado, a migração interna da zona urbana para a zona rural. Segundo Silva (1989), a partir de dados do IBGE, Feira de Santana, na década de 1970, tem uma zona de influência que contém setenta e cinco (75) cidades. Sendo que, dessas, trinta e três (33) são centros subordinados a ela com estradas asfaltadas, quantidade superior a qualquer outra localidade aglutinadora. Nessa década, o desenvolvimento industrial da cidade é impulsionado devido à criação do Centro das Indústrias de Feira de Santana (CIFS) e do Centro Industrial Subaé (CIS), que atraíram ainda mais migrantes de todas as regiões para o município. Tais características fizeram com que a cidade, que, até o ano de 1950, apresentava 68.03% de sua população residindo na zona rural, aumentasse em muito o seu contingente populacional, de modo que, em 1996, 87.45% de sua população residia na zona urbana. Atualmente 91% da população vive na zona urbana, como se vê no quadro a seguir:

Quadro 01- Feira de Santana: Evolução da população do município- 1920-2000

ANOS	POPULAÇÃO		%	POPULAÇÃO	
	TOTAL	URBANA		RURAL	%
1920	64.514	12.012	18.61	52.012	80,6
1950	107.205	34.277	31.97	72.928	68.03
1970	190.076	134.263	70.63	55.813	29.37
1980	291.504	233.905	80.98	57.599	19.76
1991	405.848	348.973	85.98	56.875	14.02
1996	450.487	393.943	87.45	56.544	12.55
2000	556.756	510.736	91.73	46.020	8.27

Fonte: IBGE. Censo Demográfico – Bahia, 1950 e 1991. Contagem de população – 1996. (extraído de Freitas, 1998) Censo Demográfico – Bahia 2010. IBGE.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Assim, o crescimento urbano do município dá-se de forma mais acelerada do que em outras regiões do estado e do Brasil como um todo, como mostra a tabela abaixo extraída de Freitas (1998)

Quadro 02- Taxa geométrica de crescimento anual – 1950-1991 – Feira de Santana, Bahia e Brasil

Localidade	1950-60	1960-70	1970-80	1980-91
Feira	3,80	4,60	4,50	3,05
Bahia	2,04	2,41	2,35	2,06
Brasil	2,99	2,89	2,48	1,93

Fonte: IBGE – Censos democráticos – Bahia, 1950 a 1991 (apud Freitas, 1998).

Nestes casos, conforme Callou e Avelar (2002), em relação ao Rio de Janeiro, os limites entre urbano e rural são muito tênues, havendo um *continuum*, como em qualquer cidade, mas um *continuum* mais tênue, entre zona rural, zona suburbana e zona urbana. Assim, apesar de Feira de Santana ser um médio centro urbano, pensamos haver⁴ uma maior integração entre campo e cidade, apesar de todas as tentativas de determinados grupos em "civilizá-la". Na cidade propriamente dita, hipotetizamos que tanto em termos culturais como em termos linguísticos haveria não só traços dos outros dialetos nordestinos mas muitos traços rurais trazidos por esses migrantes da zona rural do município e das “pequenas cidades rurais” da região, principalmente se pensamos essa variação no século XX. Esses traços, que não seriam mais simplesmente rurais, mas "rurais /urbanos" (BORTONI-RICARDO, 1985), pois sofreram transformações quando da integralização com o urbano⁵. Esse fato dar-se-ia, principalmente, nas zonas suburbanas, nas quais há toda uma cultura do rural, do interiorano,

⁴A situação de Feira de Santana é bastante complexa, como tentamos mostrar em um trabalho apresentado no seminário ‘Parlendas do Vasto Sertão, na UEFS, 2001. Apesar de todos os processos de urbanização ocorridos no município, fica a impressão de que seus dialetos rurais já não são tão arcaizantes e simplificados, apesar de todo o município conservar algumas características ruralizantes, mesmo em sua zona urbana. É bom deixar claro que nos dialetos rurais baianos não são encontrados alguns fenômenos que são evidenciados no dialeto caipira, por exemplo.

⁵ Hoje, com a internet em todos os lugares, maior influência de outros meios de comunicação e também a maior mobilidade, achamos que essa situação vem mudando.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

como, por exemplo, a criação de galinhas, o plantio de pequenas hortas nos quintais, o uso generalizado de chás para curar doenças, a existência da figura da rezadeira, sendo os quintais cheios de "memórias do campo". Já na zona rural do município, bastante integralizada com a zona urbana, encontra-se, além de marcas da vida urbana, como eletrodomésticos sofisticados, quando a condição financeira o permite, culto às festas da cidade, por parte dos jovens, como a micareta e o carnaval, e toda uma atitude urbana (por parte dos jovens e alguns de meia idade), que percebemos através das roupas, do jeito de falar e se portar, apesar de existirem grupos que estão trabalhando para preservação da cultura do homem da roça, como é o caso do grupo Quixabeira. Além disso, também por parte dos jovens, parece existir uma atitude mais cuidadosa com a fala, como se quisessem, intuitivamente, tê-la legitimada como urbana, fazendo um esforço que resulta em um número menor de características que são conhecidas como próprias de falares do campo (ALMEIDA, 2005). Assim, se de alguma forma o linguístico reflete o social, pensamos que tais fatos possam ser indícios de que a variedade urbana popular feirense tem muito do rural e vice-versa.

3 A escolarização em Feira de Santana: século XX

O entendimento do processo de escolarização de um país é de suma importância para o conhecimento da standardização linguística. Dentro desta perspectiva, apresentaremos, neste item, alguns dados sobre a escolarização no município de Feira de Santana, tanto no início quanto nos meados do século XX.

Feira de Santana entra no período republicano com dezenove escolas públicas, sendo cinco na sede do município e as restantes distribuídas pelos distritos e povoados, atendendo a uma população de mil alunos (SILVA, 1977 apud D. OLIVEIRA, 2011). O poder municipal não mostrava capacidade em manter as instituições escolares existentes ou em abrir novas, o que passa a acontecer com alguma frequência a partir de 1915, período em que começa a existir uma preocupação com a educação na cidade, o que pode ser vislumbrado através do trecho retirado do Jornal *A Folha do Norte*.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

[...] Não é novidade o positivar a pouca civilização de Feira, uma vez que ella faz parte dessa região estendida do Maranhão ao Espírito Santo em que, no dizer de Sílvia Romero há “muito atrazo, muita pobreza, muita miséria” – região assolada pelas secas, esquecida dos homens do governo. [...] Esperanças sim...: quem não as tem? Poderemos nós os daqui, dentre um pouco, cointemplar [...]– a fundação duma “Academia Feirense de Letras” a semelhança da respeitável “Academia Bahiana de Letras”, dessa que é no presente, um dos mais alevantados, dos mais brilhantes attestados da altíssima intrucção pública brasileira [...] ⁶.

A estrutura escolar feirense, nos primeiros anos do século XX, era muito precária e não respondia sequer aos anseios de difusão das primeiras letras (SILVA, 1977 apud D. OLIVEIRA 2011). Nesse período, como hoje, a educação era considerada via principal de acesso ao prestígio e integração dos estratos “dominantes”, por isso o cuidado das elites para que a escolarização direcionada ao povo não ultrapassasse o ler, o escrever e o contar. A maioria da população feirense, como o resto do país, era analfabeta e o acesso ao ensino era dificultado pelo seu caráter privado (era pago), o que emperrava o acesso das camadas populares ao mesmo. A questão administrativa no pós- República restringe as responsabilidades do governo estadual, sobrecarregando os municípios, como atesta Sousa:

A manutenção das escolas estava dividida entre o governo estadual – responsável pela Escola Normal, pelo Ginásio da Bahia e pelas escolas elementares da capital – e os municípios, responsáveis pelas escolas das cidades do interior e seus distritos. (SOUSA 2001, p. 36).

Segundo Daiane Oliveira (2011), as aulas particulares são uma realidade no município de Feira de Santana do início do século XX, como é o caso, por exemplo, da Escola do Professor Geminiano Alves da Costa, professor negro do início do século, que anunciava suas aulas, semanalmente, no periódico *O Município*.

Pouco antes do início da década de 30, com a administração escolar de Anísio Teixeira, é fundada a escola normal na cidade, em 1927, que tinha como objetivo formar as professoras para educar a imensa gama de analfabetos da zona rural e também urbana. A intenção era transformar Feira de Santana num polo educador da microrregião, que à época ficou conhecida como “luz do saber dos sertões”. Sousa (2001) mostra que as professoras

⁶ O Jornal *Folha do Norte* de 20 de julho de 1912. p. 01, publica a resposta de Arnold Silva à afirmação do Sr. Sílvia Neto (jornalista da cidade de Salvador), publicada em um dos exemplares do Jornal Diário da Bahia, de que “costumes de pouca ou nenhuma civilização como sabemos ser a de Feira de Sant’ Anna.” Na tentativa de contradizer as palavras do jornalista, Arnold Silva termina por concordar com a questão de Feira de Santana ser ainda uma cidade de hábitos incivilizados. Trecho retirado de D. Oliveira, 2011.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

formadas na escola eram chamadas pelos jornais locais, quando estudantes, de “Deusas fardadas”. Essas futuras professoras deveriam alfabetizar a grande massa da população rural não só do município mas também de municípios vizinhos. Uma das grandes preocupações da escola era com o vernáculo (veja-se citação abaixo retirada de um relatório de 1925):

[...] cuidadosamente ao fazer o exame verificadores das provas escritas e praticas não só como diárias e também trimestraes, exigia sempre o completo estudo da língua vernácula (analyse e composição) visando a habilitação do educando da actualidade”. (Relatório do Inspetor Tomas de Aquino apud SOUSA, 2001).

Por conta da grande influência da Escola Normal e, posteriormente, do Colégio Santanópolis, que recebiam pessoas de toda a microrregião, a cidade passou a ser conhecida como um centro formador, antes mesmo da implantação da Faculdade de Educação, como se pode visualizar pelo texto publicado no Semanário *A Folha do Norte*:

Fadada, como já disse, a ser o mais importante centro de educação e trabalho do interior da Bahia [...] a Feira de Sant’Anna, a Princesa do Norte, cognominada de Cidade Universitária, é o ponto onde convergem, de todo o sertão, juventude e a intelligencia [...]. (Jornal *A Folha do Norte*, 23 de junho de 1934, p.1).

Essa ideia de o município poder tornar-se um importante centro de educação parece ter surgido com a criação das escolas normais, já que estas eram poucas na Bahia, e de outros centros de Ensino, como Colégio Santanópolis, que oferecia não só curso primário, ginasial e secundário mas também cursos técnicos, a exemplo do técnico em contabilidade, magistério etc.

No entanto, apesar de toda essa tentativa de transformar a cidade num polo educacional, os índices educacionais, nos anos posteriores, são ainda baixos, como observamos a partir da análise de dados educacionais dos períodos posteriores à primeira metade do século XX. Vale ressaltar que encontramos dificuldades com esse período por não termos localizado estudos dedicados a escrever essa história⁷. Partimos, então, para a análise dos censos demográficos. Nesse caso, encontramos ainda dificuldades em relação aos números divulgados pelo IBGE. A contagem, por exemplo, de pessoas com ensino primário completo era realizada a partir da idade de 10 anos. Ora, sabemos que, mesmo hoje em dia,

⁷ Para esse período, pensamos em realizar análises qualitativas através de jornais, mas essa análise será feita posteriormente.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

crianças com 10 anos, em sua maioria, não concluíram ainda o antigo primário. Por conta disso, apresentaremos alguns dados específicos, mas estes não representarão uma visão totalmente fidedigna da realidade. A partir deles, por exemplo, encontramos, para a década de 70, um percentual de 49% de indivíduos com o antigo primário completo em Feira de Santana. Na capital, esses números eram menores, ou seja, 42%. A porcentagem de indivíduos com ensino médio completo é alarmante - apenas 8% das pessoas acima de 17 anos em Feira de Santana e 7% em Salvador. Se os índices na década de 70 eram tão baixos, o que se poderia imaginar das três primeiras décadas do século?⁸.

Já na década de 80, a escolaridade em níveis mais altos continua bastante baixa, irrisória, poder-se-ia dizer, pois os percentuais de indivíduos, acima de 17 anos, com o ensino médio completo, é de apenas 9,5% em Feira de Santana e de 13% em Salvador. Com educação superior não é diferente: menos de 1% da população tanto na capital quanto na maior cidade do interior do estado. No final do século, ano 2000, na Bahia, os percentuais de escolarização melhoram, pois a taxa de analfabetismo entre jovens de 10-15 anos é de 8,30%, mas está longe de ser a ideal não só em termos de número mas também em termos da qualidade do ensino, como mostraram relatórios de órgãos internacionais, a exemplo da UNESCO. Como falar, então, em standardização linguística, mais generalizada, com percentuais de escolarização tão baixos? Qual o percentual da população usaria uma norma culta nesse período?

Podemos inferir, dessa forma, que o português popular encontrou ambiente propício para influenciar o português culto local. Não acreditamos que a pressão dessa escolarização seria forte o suficiente para barrar fenômenos, como, por exemplo, o uso do pronome “tu” sem concordância, como observaremos a partir das amostras de fala. A seção 4 apresenta os resultados linguísticos.

⁸ Ainda não encontramos os censos referentes às décadas de 50 e 60. Na biblioteca da universidade, existem publicações a partir da década de 70. Buscaremos essa informação no IBGE para uma posterior reanálise desse contexto.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

4 Análise linguística e sua relação com a história social

Os dados socio-históricos e de escolarização apresentados acima evidenciam que amostras linguísticas coletadas no município de Feira de Santana podem fornecer importantes subsídios para o entendimento da formação, caracterização e difusão do Português Brasileiro (PB), notadamente no que se refere ao entrecruzamento das normas populares e cultas e ao contato rural e urbano, já que este município agrega falares de diversas localidades do Brasil.

O tema linguístico que será aqui exemplificado é o uso de pronomes pessoais de 2ª. pessoa do singular, pois o quadro pronominal é um dos aspectos que mais variam no PB contemporâneo. Informamos, no entanto, que só uma parte dos *corpora* disponíveis foram analisados; por conta disso, algumas conclusões não serão, ainda, realizadas.

4.1 A amostra

O *corpus* utilizado para a análise é constituído por cartas pessoais escritas em Feira de Santana durante as décadas de 40, 50 e 60 do século XX. Pretende-se, dessa forma, mostrar processos de variação e mudança ocorridos durante os períodos analisados.

A seguir explicitamos a caracterização da amostra:

- a) 1 carta de M. P. A. de M., da década de 40 do século XX – informante nascida em 08.05.1882; alfabetizada - primeiras letras – nascida na zona rural de Feira de Santana;
- b) 1 carta de A. A. de M., da década de 40 do século XX – informante nascida em 15.11.1890 – alfabetizada – primeiras letras – nascida na zona rural de Feira de Santana;
- c) 1 carta de P. A. de M., da década de 40 do século XX – informante nascida em 13.02.1894 – primeiras letras – nascida na zona rural de Feira de Santana;
- d) 20 cartas de M. M., nascida em 28.08.1924 – informante com ensino fundamental completo (antigo ginásio – nascida na zona rural de Feira de Santana – moradora da zona urbana;

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

- e) 20 cartas de D. P., nascido em abril de 1922 na Baixa Grande Bahia – morador de Feira de Santana desde adolescente, informante com ensino fundamental completo;
- f) 2 cartas de M.S nascido na zona urbana de Feira de Santana – estudante universitário.

4.2 A análise dos dados

Diversos estudos têm apontado diferenças significativas entre o PB e o Português Europeu (PE). Uma das mudanças ocorridas no PB que tem levado a essa diferenciação é a mudança no quadro pronominal. A entrada da forma “você” no quadro dos pronomes pessoais nominativos, variando com o pronome “tu” na posição de sujeito de 2ª pessoa do singular, tem sido vista como uma das desencadeadoras da reestruturação do paradigma pronominal e até do flexional (concordância) nessa língua.

Durante muito tempo, pesquisadores afirmavam que o pronome “você” teria substituído o “tu” em quase todo o PB, tendo como exceção os dialetos sulistas, os quais apresentam, segundo pesquisas, um quadro de variação, no qual não há o “tu” em Curitiba, mas há sua concorrência com o “você” em Florianópolis e Porto Alegre. Em Florianópolis, o “tu” é menos usual que o “você”, porém aparece mais com a flexão verbal marcada, enquanto, em Porto Alegre, o “tu” é mais frequente, mas a flexão verbal é rara (LOREGIAN-PENKAL, 2005).

Estudos sobre esse fenômeno têm sido realizados com diversos outros dialetos do PB. Na variedade carioca, por exemplo, Paredes da Silva (2003) mostra, a partir de dados da década de 90 do século XX, que está ocorrendo um retorno da forma “tu”. Lopes e outros [s.d.], investigando essa questão, usam como material de análise dois filmes produzidos no Rio de Janeiro, a saber: *Cidade de Deus* e *Amores Possíveis*. Os autores mostram que no primeiro, filme que representa a realidade da favela, há um uso alto do pronome “tu” na fala

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

dos personagens (55%), enquanto que, em *Amores Possíveis*, que retrata situação vivida por classe média, há o uso do “você” em 100% das falas.

Trabalhos recentes, tais como o de Soares (2003), entre outros, apontam que, em algumas localidades das regiões Norte e Nordeste, há também uma variação entre os dois pronomes na posição de sujeito, sendo majoritário o uso da forma tu com marca verbal de 3ª pessoa.

Neste sentido, analisamos, neste trabalho, a coexistência das formas nominativas “você” e “tu” no espaço linguístico feirense, bem como as formas acusativas “te-lhe” e a variação entre pronomes possessivos “teu/tua” - “seu/sua”, com o objetivo de mostrar a articulação entre esses fenômenos dentro do quadro de variação da 2ª pessoa. Um dos objetivos perseguidos na pesquisa que estamos realizando e que deu origem a esse trabalho é tentar verificar se o uso de “tu/você” em Feira de Santana significa a manutenção, na oralidade, dessa antiga variação ou se, ao contrário, seria uma recuperação ocorrida nas décadas de 70 e 80 por conta da grande migração em condições diferentes da vivida em meados do século. Essa migração, ocorrida na região, teria levado a uma maior interação entre falantes cultos e populares. Hipótese que ainda não poderá ser confirmada só com esse estudo.

O quadro a seguir apresenta os resultados encontrados na análise das cartas pessoais escritas nas décadas de 40, 50 e 60.

Quadro 3- Índice geral de uso do “tu” e “você” em cartas particulares escritas em Feira de Santana (décadas 40, 50, 60)

Uso do Tu	Uso do Você
43/199	156/199
22%	78%

Pelos resultados apresentados acima, percebe-se que já havia, nas décadas analisadas, uma preferência pelo uso do “você”, corroborando, de certa forma, estudos que apontam que, em diversas localidades brasileiras, o “você” substituiu o “tu” mais ou menos na década de

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

50. Vejamos, no entanto, como forma de melhor visualizar o processo, essa variação distribuída por década.

Quadro 4- Variação entre “tu” e “você” de acordo com a década e o sexo (cartas pessoais, décadas de 40, 50 e 60)

Pronome sujeito Década	MULHERES		HOMENS	
	TU	VOCÊ	TU	VOCÊ
Década de 40	6/6 100%	0/0	0/0 0%	0/0 0%
Década de 50	25/44 57%	19/44 43%	12/70 17%	58/70 83%
Década de 60	0/0 0%	67/67 100%	0/0 0%	12/12 100%

O quadro 4 mostra, com base no pequeno número de ocorrências, que o “tu” é majoritário na década de 40. Já na década de 50, há equilíbrio no uso das formas, especificamente quando se trata de sexo feminino. Já na fala do homem há um uso muito maior da forma “você”, mostrando o sexo masculino, nesse caso, como o impulsionador da mudança. Tal fato vai de encontro a trabalhos que mostram que, quando a forma é de prestígio, as mulheres tomam a frente do processo de mudança (LABOV, 1972). Essa diferença na fala do informante analisado pode também ter sido influenciada por não ser esse indivíduo um feirense nato. No entanto, como veremos adiante as mulheres usam o “tu”, conservador, com concordância, o que também é característico deste sexo.⁹

⁹ Marta Scherre (em comunicação pessoal durante a ABRALIN 2011) diz que, em suas pesquisas sobre a variação entre as formas “tu”/ “você” há comportamentos diferenciados pelo Brasil: em alguns locais o “tu” é mais usado por homens e em outros, pelas mulheres. Mas é provável que os contextos sociais sejam diferentes.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

É interessante mostrar, ainda, que nas cartas aqui analisadas o “tu” já não mais apareceu na década de 60, o que poderia demonstrar uma conclusão do processo, afirmativa que aqui não pode ser peremptória, já que sabemos que, nem sempre, os textos deixam aparecer o verdadeiro vernáculo, apesar de, através deles, podermos descobrir indícios que levem ao entendimento do processo de mudança. Para realizarmos tal afirmativa, precisaríamos trabalhar com outros tipos de textos, o que faremos em breve. Mas o mais interessante nessa questão é que os autores das cartas são os mesmos, o que pode nos levar a inferir que houve alguma influência externa mais forte que os levou a não usarem mais a forma “tu”.

Passemos, agora, a analisar a variação entre as formas aqui trabalhadas levando em consideração fatores linguísticos, entre eles o preenchimento ou não do sujeito. Segundo Duarte (1993), o PB está deixando de ser uma língua de sujeito nulo para tornar-se uma língua de sujeito pleno, e uma das motivações para tal mudança foi exatamente a entrada do “você” como pronome nominativo de 2ª pessoa que utiliza morfologia de 3ª pessoa. A seguir apresentamos o resultado da variação “tu”/ “você” de acordo com as formas nulas e plenas de 2ª pessoa do singular.

Quadro 05- Uso do “tu” e “você” de acordo com o preenchimento do sujeito (cartas pessoais, décadas de 40, 50 e 60)

Pronome sujeito	Pronome Tu	Pronome Você
Nulo	29/43	33/156
	68%	21%
Pleno	9/43	123/156
	21%	79%

Há um grande número de sujeitos nulos com a 2ª pessoa, mais especificamente com o pronome “tu”, que, como veremos a seguir, ainda apresenta altos índices de marcas

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

morfológicas próprias, o que leva a uma fácil identificação do sujeito e, talvez por conta disso, ocorre esse alto percentual de nulos. A seguir um exemplo:

[...] mas 1º de Agosto/não fui bem sulphrenhedida pur uma triste/ noticia tua e ainda mais da Pecôa a quem tanto **gostas** ahi em Feira, **tu sabes** mi diceram/ que elle é protestante e **ti** leva para o culto/ delles, mas eu **lhe** digo se é izalo elle não **lhe**/ ama quem gosta, de outro não leva a estes lugares que ofende tanto nosso Bom Deus. (Grifos nossos) (América, tia da destinatária).

No exemplo acima, temos não só sujeito nulo, mas a 2ª pessoa com marca morfológica própria, sujeito pleno e o uso do “lhe” como acusativo de segunda pessoa, o que mostra que já havia uma mistura no uso de pronomes nesse período.

A seguir apresentamos o quadro com os dados de concordância entre o pronome nominativo e o verbo.

Quadro 06- Uso de “tu” e “você” de acordo com a concordância entre o sujeito e o verbo (cartas pessoais, décadas de 40, 50 e 60)

Pronome sujeito	Pronome Tu	Pronome Você
Concordância entre sujeito e o verbo	40/43 93%	156/156 100%

Como era de se esperar, há 100% de concordância entre o sujeito e o verbo quando aparece a forma “você”. No entanto, há um caso em que a informante usou o “você” com a morfologia de 2ª pessoa, mas riscou a palavra, demonstrando opção consciente pelo uso da forma mais conservadora, já que ela estava dirigindo-se ao marido, que, em meados do século XX, em algumas famílias, na relação matrimonial, era visto como “superior” à mulher. Consideramos essa forma a mais conservadora pelo uso da marca verbal própria.

Tua mãe manda-te dizer que escrevas o mais bre-/vê possível. Espero que **você obedeças o pedido dela**”.(grifo nosso) (Carta de dona Maura ao esposo, Feira de Santana, 14 de junho de 1953).

Verificamos, assim, com a análise da variação entre os pronomes “tu” e “você” que, a partir da década de 60, o tu não mais aparece nas cartas. Além disso, verificou-se também,

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

confirmando outros trabalhos, entre eles os de Duarte (1993) e Almeida (2005), que com a forma “você” os índices de preenchimento do sujeito são bastante altos, o que parece explicar-se pelo fato de que a morfologia usada é a de 3ª e a estratégia utilizada pelo falante para que não haja confusão sobre de que sujeito se fala é a utilização do pronome pleno.

A entrada do “você” no quadro pronominal, além de levar a um maior preenchimento da posição de sujeito, levou também a uma confusão entre outras formas pronominais relacionadas, como, por exemplo, o acusativo de 2ª pessoa. No quadro 7, estão as ocorrências, encontradas nas cartas, de variação entre o “te”, acusativo de 2ª pessoa, e o “lhe”, originalmente dativo de 3ª, mas que vem sendo usado para expressar acusativo de 2ª pessoa.

Quadro 7-Índice geral de uso dos pronomes te\lhe acusativo de 2ª pessoa (cartas pessoais, décadas de 40, 50 e 60)

Pronome objeto Te	Pronome objeto Lhe
22/85	63/85
26%	74%

Pelos percentuais apresentados, no quadro 7, podemos verificar que o uso do “lhe” acusativo supera o uso da forma padrão “te”. Essa confusão entre o uso desses pronomes ocorre com outras categorias pronominais, a dos possessivos, conforme apresentado a seguir:

Quadro 8- Índice geral de pronomes possessivos (cartas pessoais, décadas.de 40, 50 e 60)

Pronome possessivo teu	Pronome possessivo seu
22/58	36/58
27%	63%

Nos dados das cartas, há, na virada da década de 60, uma mudança no uso das formas de 2ª pessoa do singular no sentido de uso categórico da forma “você”. No entanto, no que se refere aos outros contextos de 2ª pessoa, como os contextos de pronome objeto e possessivo, há ainda uma variação que persiste até aos dias atuais.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

Há que se informar que, hoje, a forma “tu” é largamente utilizada na variedade linguística oral feirense, como atestado por Santana (2007) e Assunção (2007).

5 Considerações finais e perspectivas futuras

Os resultados quantitativos, com base na análise sociolinguística, apontam alguns indícios que mostram o não uso mais do “tu” textos escritos na década de 60. No entanto, com base, apenas, nas cartas pessoais não podemos afirmar que essa forma pronominal desapareceu completamente do espaço linguístico feirense nesse período. Todavia, esse não uso, na escrita, pode nos levar a inferir que essa variante não era mais de prestígio até finais do século XX. Estamos coletando outros materiais escritos para confirmar ou não essa hipótese de desaparecimento e de retorno da forma “tu”, em função da influência de nordestinos de outros estados ou dos “nortistas”, como os feirenses costumavam chamá-los.

Mesmo as entrevistas realizadas no século XXI, não tendo captado devidamente a variante, Santana (2007) e Assunção (2007) mostram que o uso da forma “tu” é produtiva na variedade utilizada em Feira de Santana atualmente (vejam-se resultados com a fala das mulheres cultas, em que 54% fazem uso de “tu”). Isso demonstra uma boa distribuição da variação na comunidade, e talvez, mudança de *status* da variante “tu” para não estigmatizada na comunidade.

A organização de *corpora* em redes sociais e a organização de materiais escritos diversos, elucidarão mais a questão dessa variação no município aqui trabalhado, que poderá ser tomada como um espelho da realidade linguística regional.

Para finalizar, citamos um texto publicado em uma revista local em 1941, no qual o uso do “tu” está bastante exemplificado, texto esse retirado da tese de Oliveira (2011):

[...] E que tu oh Feira, continues dando esta pujança de destemorosidade a esses que são moços e podem elevar, dignamente, o teu enaltecido nome, como a terra que mais cultiva o esporte bretão, em teu Estado, demonstrando desse modo, os teus filhos são conhecedores deste século de dinamismo, que vivem, onde a cultura física ao lado da mecânica são os elementos dominantes, tu só poderás ser a maior, a mais bela, a líder das cidades que mais progridem na Bahia.¹⁰

¹⁰ ALVAS. Esportes em crônicas. *Revista Serpentina*. São Paulo, número 1, ano 1, abril de 1941.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

6 Referências

ALMEIDA, Norma Lucia F. de. *Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado em três comunidades rurais baianas*. Tese (Doutorado)- UNICAMP, Campinas, 2005.

_____; CARNEIRO, Zenaide. Introdução à Coleção. In: _____. *Amostras da língua falada no semi-árido baiano*. Feira de Santana/Salvador: UEFS/FAPESB, 2008.

ASSUNÇÃO, Janivam. A realização do “tu” e “você” na variante linguística de falantes feirenses. In: Anais do XII Seminário de Iniciação Científica da UEFS, Feira de Santana: UEFS, 2007.

BARROS, Maria Leda R. de ; ALMEIDA, Stela Borges de. Escola normal de Feira de Santana: fonte para o estudo da história da educação. *Sitientibus*. Feira de Santana/UEFS, n. 24, 2001, p. 09-30.

BORTONI-RICARDO, Stela. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University, 1985.

CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Subsídios para uma história do falar carioca: mobilidade social no Rio de Janeiro do século XIX. In: DUARTE, Ma. E. ; CALLOU, Dinah. *Para a história do português brasileiro*. Vol. IV. Rio de Janeiro: UFRJ/Letras. 2002, p. 95-112.

CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma Lucia F. de. A criação de escolas a partir de critérios demográficos na Bahia do Século XIX: uma viagem ao interior. In: LOBO, Tânia et alii. *Para a história do português brasileiro*. Salvador: EDFUBA, 2006, p.649-674.

DUARTE, Maria E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In.: ROBERTS, I. ; KATO, M. (orgs). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP. 1993, p.107-128.

FREITAS, Nacelice Barbosa. *Urbanização em Feira de Santana: influência da industrialização (1970-1996)*. Salvador: Faculdade de Arquitetura/UFBA, 1998, (inédito).

GALVÃO, Monsenhor. Povoadores da região de Feira de Santana. *Sitientibus*. Feira de Santana/ UEFS. Ano 1, vol.1, p. 25, 1982.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 04 – junho de 2012
ISSN: 2176-5782

LOPES, Célia et alii. *Quem está do outro lado do túnel? Tu ou Você na cena urbana carioca*. Rio de Janeiro: UFRJ, [S.d.].

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista. *Estudos Lingüísticos XXXIV*. Campinas: UNICAMP, 2005, p. 362-367.

OLIVEIRA, Daiane. *Escolarização e civilidade: as representações de escolarização no Jornal Folha do Norte*. (Monografia). UEFS-Feira de Santana, 2011.

OLIVEIRA, Clóvis F. Ramaiana M. Canções da cidade amanhecendo".Urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana. 1920-1960. Tese de doutorado inédita. Brasília:UNB, 2011.

RAMOS, Jânia. Um plano para a sintaxe diacrônica no português brasileiro. In: CASTILHO, A. *Para a história do português brasileiro*. Vol.1: primeiras idéias. SP: Humanitas, 1998.p.79-88.

SILVA, Vera Paredes da. O retorno do tu à fala carioca. In.: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. RJ: FAPERJ/7letras, 2003.

SANTANA, Jan Carlos. O uso do tu e você no falar feirense culto. In: ANAIS DO XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS, Feira de Santana: UEFS, 2007.

SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello e. *Urbanização e metropolização no estado da Bahia: evolução e dinâmica*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1989.

SOUSA, Ione Celeste de. *Garotas tricolores, deusas fardadas: as normalistas em Feira de Santana 1925-1945*. São Paulo: Educ, 2001.

SOARES, M. E. Fatores Sociolingüísticos para o estudo das formas de tratamento no português do Brasil. *Afrika, Asien, Brasilien, Portugal, Alemanha*, v. 1, p. 4-28, 2003.

Outras fontes consultadas:

IBGE. Censos demográficos das décadas de 60, 70, 80 e 90.

Jornal *A Folha do Norte*